

Identities de gozo/ Identities sexuais nas fórmulas da sexuação

Marcus do Rio Teixeira

Boa noite a todos. Pretendo abordar aqui o tema “Identities de gozo/identidades sexuais nas fórmulas da sexuação”. Começarei esclarecendo o título da minha apresentação. Ao escolher um tema na programação deste ano do *Seminário do Campo Psicanalítico de Salvador*, deparei-me com o título: “Identidade nas fórmulas quânticas da sexuação”. Chamou a minha atenção a menção genérica ao termo “identidade”, uma vez que dez entre dez lacanianos reconhecem como estabelecido que as fórmulas da sexuação definidas por Lacan no texto *O Aturdido* e em seguida no *Seminário 20, Encore (Mais, ainda)* [1972-1973] dizem respeito à definição teórica das *identidades sexuais*. As quais, por sua vez, se dão a partir da posição de cada um em relação ao gozo.

Ou seja, nas referidas fórmulas não se trata simplesmente de identidade no sentido genérico, mas de identidade num sentido bastante específico, o de *identidade sexual* (ou, como preferem alguns, *sexuada*). Lacan trata nessas fórmulas daquilo que ele chama no seu *Seminário 20* o *ser sexuado*, expressão que situa uma diferença em relação ao *sujeito do inconsciente*, o qual por si não diz respeito à identidade sexual. Assim sendo, creio que o termo “sexuais” não apareceu na versão inicial da programação por um erro de digitação.

Antes de entrar diretamente no tema, cabe um esclarecimento: a leitura das fórmulas da sexuação como formulações lógicas das identities sexuais não é uma leitura pessoal da teoria de Lacan. Digo isto porque ao apresentar na *XIV Jornada do Campo Psicanalítico de Salvador* em 2014 o meu trabalho “O Império do Semblante”¹ (que está publicado na coletânea *Topologia da Fala*, organizada por José Antônio Pereira da Silva, e que aborda justamente a teoria da sexuação em Lacan), escutei dizer que se tratava de “uma leitura de Marcus”. Fico encantado que sejam atribuídas a mim as teses de Jacques Lacan, mas devo declinar dessa honraria. Não faço aqui nada mais do que apresentar as fórmulas da sexuação de Lacan e compilar as leituras de autores reconhecidos no meio laciano internacional, que testemunham um consenso nesse meio acerca de tais fórmulas, consenso que independe da filiação a uma determinada escola.

¹ TEIXEIRA, M. R. O império do semblante. In: PEREIRA da SILVA, J. A. *Topologia da fala*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2015. p. 177-189.

Para demonstrar isto, trago a seguir algumas definições de autores acerca das fórmulas da sexuação. Vejamos o que diz Marc Darmon, membro da *Association Lacanienne Internationale* e autor de *Ensaio sobre a topologia lacaniana*, obra pioneira no estudo da topologia na teoria de Lacan:

As fórmulas da sexuação [...] propõem uma lógica que dá conta dessas bizarrices da identificação sexual no ser falante. Essa tabela apresenta a situação masculina à esquerda, e a feminina à direita, ou melhor, ela mostra como o sujeito tem que se determinar com relação ao falo e à castração, tornando os efeitos de seu sexo anatômico contingentes com relação a essa estrutura simbólica.²

Vejamos também o que diz Patrick Valas, membro da EPFCL e autor de *As dimensões do gozo*, entre outros:

As fórmulas da sexuação definem que a escolha de sua “identidade sexuada” pelo sujeito se origina de uma “insondável decisão do ser”, independentemente do sexo anatômico impossível de “neutralizar”³.

Finalmente, vejamos o que diz Roland Chemama, membro da *Association Lacanienne Internationale* e autor de *Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano*, entre outros títulos:

Se a teoria freudiana remete de início à sexualidade como realidade determinante para o sujeito humano, vemos melhor hoje que ela concerne, fundamentalmente, à sexuação, ou seja, à maneira como cada um se situa em relação às identificações masculinas ou femininas, “inscreve-se” do lado homem ou do lado mulher.⁴

Notem que Chemama destaca aqui o termo sexuação no sentido de um *processo*, o qual é pré-condição para que cada possa exercer uma sexualidade a partir de uma posição de gozo. Uma leitura que vai no mesmo sentido se encontra no texto de apresentação do *XV Encontro Nacional da EPFCL Brasil em 2014 – Amor e Sexos*:

Mas para ele [Lacan], a identidade sexual, ser “homem ou mulher”, é o resultado de um processo que qualificou de sexuação. Há aí uma ação para indicar que é um processo de linguagem, não um fato de natureza. Esse processo distribui os sujeitos em duas categorias – aqueles que estão totalmente na função fálica e aqueles que não estão totalmente inscritos nela.⁵

² DARMON, M. Sexuation. In: _____. *Essais sur la topologie lacanienne*. Paris: Editions de l'Association Freudienne, 1990. p. 311-326. p. 210. Tradução minha para o trecho citado.

³ VALAS, P. *Pour le 8 mars*. Disponível em: www.facebook.com/pvalas/timeline. Acesso: 9 de março de 2014.

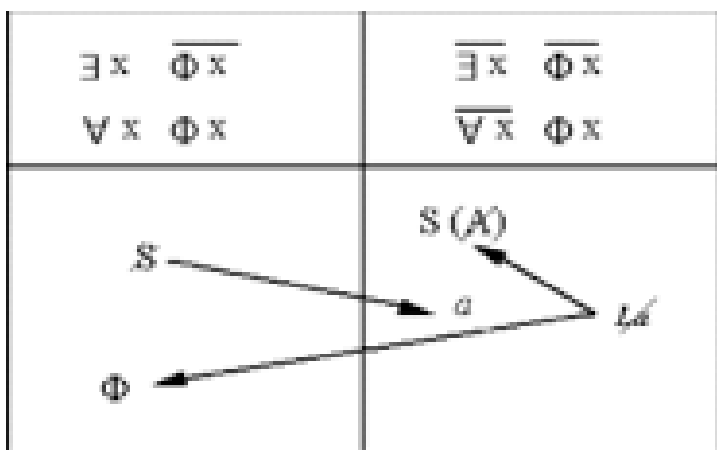
⁴ CHEMAMA, R. A sexuação. In: *Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano*. Porto Alegre: CMC, 2002. p. 275.

⁵ FONSECA, D. *Amor e sexos*. Texto de apresentação do XV Encontro Nacional da EPFCL Brasil, Campo Grande, 2014.

Por que eu trago essas citações? Eu poderia desenvolver o tema citando somente Lacan. Se não o faço, se prefiro trazer a opinião de renomados autores lacanianos, é para mostrar que a honraria que me foi atribuída quando foi dito que se tratava da leitura “de Marcus” é imerecida, pois não fui eu que inventei essa leitura. O que eu pretendo mostrar é que esta é a leitura hegemônica no meio laciano. Elisabeth Roudinesco diz em algum lugar que a teoria psicanalítica busca evitar o dogmatismo da leitura única, porém sem cair na Babel das inumeráveis opiniões. Uma teoria pressupõe uma margem para as interpretações, mas ao mesmo tempo estabelece certos princípios que, uma vez que são contraditos, cai por terra todo o edifício teórico.

As leituras hegemônicas, por sua vez, são resultantes de inumeráveis artigos, livros, jornadas, congressos e debates; elas são o sedimento de tais discussões realizadas ao longo dos anos. Como observou muito bem Jean-Jacques Tyszler em uma palestra realizada nesta instituição, referindo-se à influência na psiquiatria das ideias de Clérambault, mestre de Lacan, uma teoria não é válida pelo simples fato de ser formulada por um autor, mas adquire sua validade a partir do reconhecimento por seus pares no meio ao qual pertence, e isso não apenas em uma única instituição.

A teoria laciana não é uma exceção nesse ponto. Por isso me chama a atenção que de vez em quando se escute dizer, diante de temas como as fórmulas da sexuação: “Eu vejo de tal forma”. Observem:



Digam-me: para vocês isso se parece com uma prancha do teste de Rorschach? Porque uma prancha do teste de Rorschach é o que permite que cada um olhe e diga: “Eu vejo o emblema do Batman” ou “Eu vejo uma genitália feminina”. Ou seja, cada um vê o que lhe interessa ver. Aqui, ao contrário, trata-se de uma teoria (mesmo que pareça muito estranha para quem se inicia no estudo de Lacan). Esse quadro expõe princípios teóricos que, ainda que deixem margem à discussão, não são uma

imagem que cada um pode interpretar da forma que quiser. Assim, quando alguém diz “Eu vejo de tal forma”, seria melhor responder: “Não se preocupe! Existe tratamento para isso: consulte um oftalmologista.”

Permitam-me fazer mais uma citação sobre as fórmulas da sexuação, desta vez de uma autora que é muito admirada em nosso meio:

Se a gente se volta para a questão da identidade sexual, a tese de Lacan durante muito tempo, até 1972, precisamente, foi: “Não há identidade sexual”. Há claro, um significante, um semblante, o falo [...] mas esse significante não fornece uma identidade sexual. Ao contrário, ele projeta todas as manifestações sexuais, como diz Lacan, ao nível do parecer, logo ao nível do teatro, especificamente da comédia. É verdade que há uma comédia da relação entre os sexos – fazer o homem, fazer a mulher – mesmo no campo homossexual. E isso foi a tese de Lacan durante tantos anos que ele até dizia que o próprio ato sexual, o coito, não dava prova de nenhuma identidade sexual.

Em 1972 ele vai introduzir evidentemente algo diferente, algo novo no *Aturdito* [...] com o que nós chamamos agora as fórmulas da sexuação. As fórmulas da sexuação designam duas identidades sexuadas, duas identidades de gozo – a toda-fálica e a não-toda fálica. E com isso, pela primeira vez, Lacan introduziu um fator identitário no nível do real do gozo.⁶

Destaco nessa colocação de Colette Soler alguns pontos que abordarei mais detidamente no decorrer desta exposição. O primeiro ponto é que a autora considera as fórmulas da sexuação como a resposta a um problema tanto teórico quanto clínico: a questão das identidades sexuais ou sexuadas. Isso vai no sentido oposto à leitura (mais uma vez essa história das leituras) que já escutei algumas vezes e que me espanta todas as vezes que escuto, segundo a qual “As fórmulas da sexuação não dizem respeito a homem e mulher” (sic). Me espanta porque fico pensando a que elas diriam respeito então – a questões lógicas, filosóficas, metafísicas...? Será que porque elas utilizam referências da lógica modal se conclui que elas dizem respeito a questões lógicas? Lacan não era um lógico, embora suas construções teóricas demonstrem um extraordinário domínio dessa disciplina. Porém, da mesma forma que ele afirma que ao tratar da linguagem ele não se situa no campo da linguística, mas da

⁶ SOLER, C. Possibilidade de uma ética não individualista da psicanálise. *Stylus, revista de psicanálise*, Rio de Janeiro, nº 29, p. 23-29, novembro 2014. p. 26.

“linguisteria”⁷, não se trata aqui de uma questão lógica, ainda que ele utilize instrumentos dessa disciplina, mas de uma questão estritamente psicanalítica que diz respeito, como observa Soler, às identidades sexuadas.

Segundo a autora, essa questão ocupa Lacan desde antes da teorização das fórmulas. Poderíamos dizer, desde muito antes – na verdade, desde o início da sua prática clínica como psiquiatra, nem sequer como psicanalista. Como ele afirma nas suas *Conferências nos EUA*: “É certo que cheguei à medicina porque tinha a suspeita de que as relações entre homem e mulher desempenhavam um papel determinante nos sintomas dos seres humanos.”⁸ E ele continua: “Mas o fim da verdade, a verdade verdadeira, é que entre homem e mulher as coisas não caminham bem.”⁹ Para concluir que “(...) não há relação sexual no humano.”¹⁰

Antes que alguém diga que se trata de um comentário muito impreciso, talvez até mesmo *naïf*, que com certeza não deve ser do “último Lacan”, observem que essa declaração data de 1975, ou seja, da mesma época do *Seminário 23, O Sinthoma*. Podemos citar ainda um comentário posterior, do seu *Seminário 24, L’Insu...*:

Isso se chama a verdade especialmente no que concerne à relação sexual, a saber, que (...) de relação sexual não há, quero dizer, propriamente falando, no sentido em que haveria alguma coisa que fizesse que... Que um homem reconhecesse inevitavelmente uma mulher.¹¹

Lembremos ainda que os termos “homem” e “mulher” não se referem estritamente ao casal heterossexual, mas dizem respeito a *posições de gozo* que existem também no casal homossexual – o que já deveria ser suficientemente conhecido a essa altura, senão por todos os leitores de Lacan, pelo menos pelos analistas. Por incrível que pareça, encontramos ainda hoje em dia quem se referira a essas fórmulas como prova de um suposto conservadorismo de Lacan por se referirem, segundo eles, ao casal heterossexual.

É muito divertida essa pretensão de corrigir Lacan segundo uma cartilha politicamente correta. Lacan, aqui, é tomado como um reacionário, um babaca, um velho ultrapassado, que deixou de lado os gays na sua teoria da sexuação... Justamente esse Lacan, que na sua prática clínica sempre recusou a classificação da homossexualidade como anormalidade, como era praxe na IPA em sua época, e

⁷ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 22.

⁸ LACAN, J. *Conferências nos EUA* [1975]. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1995 (Publicação interna, sem fins comerciais). p. 09

⁹ Id., p. 10

¹⁰ Id., p. 12

¹¹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 24, L’Insu qui sait de l’Une-bévue s’aille à mourre* [1976-1977]. Edição heReSIa. Sem data (Publicação não comercial – circulação interna), Aula de 15/3/77.

que no seu ensino produziu teorizações brilhantes, como as páginas do *Seminário 8, A Transferência*, que tratam da homossexualidade na Grécia Antiga, quase duas décadas antes dos estudos de Michel Foucault sobre a *História da Sexualidade*.

O segundo ponto levantado por Soler é a demarcação de um momento de virada no ensino de Lacan, caracterizado pela mudança de posição a respeito da identidade sexual, mais precisamente da conceptualização da dimensão da alteridade feminina, a qual não possuía uma expressão até então na sua teoria, a qual era fundamentada, nesse ponto, sobre a teoria freudiana. Acerca dessa questão, falarei mais adiante.

Feitas essas observações, abordemos diretamente o nosso tema. Lacan apresenta um quadro dividido em dois campos separados por uma linha vertical: à esquerda o campo masculino, à direita o campo feminino. Os termos “masculino” e “feminino” são empregados por ele e repetidos em inumeráveis ocasiões, e não um mero deslize ou erro de linguagem, como por vezes se pretende fazer crer – ao contrário, trata-se de termos fundamentais para compreender o sentido do grafo e das fórmulas.

Na parte superior, igualmente dividida em dois grupos, temos as famosas fórmulas: duas para o campo masculino e duas para o campo feminino. Elas fazem referência à lógica modal, porém, conforme veremos, com modificações importantes introduzidas por Lacan, o qual não hesita em distorcer a lógica para adequá-la aos seus propósitos.

Para Marc Darmon:

Ao articular o que seria uma lógica do inconsciente, não é surpreendente que essas fórmulas contradigam os princípios da lógica aristotélica, até mesmo de toda lógica formal. A ordem inconsciente substitui, de fato, como no trabalho do sonho, todos os conectores lógicos por relações de vizinhança.¹²

Nas palavras do próprio Lacan: “Primeiro as quatro fórmulas proporcionais, em cima, duas à esquerda, duas à direita. Quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro.”¹³ Notem que para ele a inscrição na função Φx não é da ordem de uma contingência, mas de uma necessidade: todos os seres da fala, aqui nomeados como x indeterminados, devem se situar ante esta função. Trata-se aqui de uma função que, como o seu nome indica, diz respeito ao falo, e é responsável pela inscrição dos sujeitos no gozo fálico, gozo do significante. Como lembra Soler: “Essas fórmulas

¹² DARMON, M. *Sexuation...* Op. Cit., p. 320.

¹³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* Op. cit., p. 85.

escrevem a distribuição dos sujeitos entre duas maneiras de se inscreverem na função fálica, que nada mais é que a função do gozo na medida em que, por obra da linguagem, ela fica no âmbito de uma castração”¹⁴.

Para Marc Darmon: “ Φ , o significante fálico, está inscrito nas fórmulas como uma função, ou seja, o acesso ao significante fálico necessita da castração simbólica que se escreve sob a forma da função Φx ”.¹⁵

Ora, dado que “a função fálica é a função da castração”¹⁶, como define Soler, é curioso escutarmos por vezes que a castração se resume ao S de A barrado. Essa intimidade com que o conceito lacaniano “S de A barrado” é mencionado para falar de tudo e mais um pouco, inclusive da sexuação, lembra a familiaridade com que se fala de um amigo ou de um parente mencionado por um apelido. Como se disséssemos: “Nesse fim de semana fui jogar um baba com a galera no campinho lá do bairro. Tava todo mundo lá: Zequinha Cabeção, Juquinha Perna de Pano, João Bafo de Jegue, Mané Frangueiro, S de A Barrado...” Para o que estamos estudando aqui, que são as fórmulas da sexuação, isso gera uma confusão dos quintos dos infernos entre o que é da ordem do falo Φ e o que é da ordem de S(A).

No seu *Seminário 23, O Sinthoma*, Lacan critica explicitamente essa confusão:

Em meu Seminário *Mais, ainda* – assim me parece porque é claro que nunca o leio – faço um protesto do qual eu tinha totalmente me esquecido, mas alguns me perguntam o que ele quer dizer, um protesto contra a confusão do S(A) com a função *phi*. Não digo o pequeno ϕ , mas o grande Φ , que é uma função, tal como está implicado no que indiquei, a saber – existe um x para o qual essa função é negativa, $\Phi x \overline{\phi x}$ ¹⁷

E ele continua:

Em meu Seminário *Mais, ainda* levantei-me contra a substituição desse Φ pelo significante ao qual não pude dar outro suporte senão uma letra complicada de notação matemática, a saber S(A). S de A barrado é uma coisa bem diferente de Φ . Não é com isso que o homem faz amor. No final de contas, ele faz amor com seu inconsciente, e mais nada.¹⁸

Este deve ser o trecho do *Seminário 20* a que Lacan se refere:

¹⁴ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.138.

¹⁵ DARMON, M. *Sexuation...* Op. cit., p. 322.

¹⁶ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres...*Op. cit., p. 226.

¹⁷ LACAN, J. *O Seminário, Livro 23: o Sinthoma* [1975-1976]. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2007. p. 110.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 123.

Vejo meus alunos muito menos apegados à minha leitura do que o menor dos bagrinhos, quando ele está animado pelo desejo de ter um diploma de mestrado, e não há um único que não tenha feito não sei que bagunça sobre a falta de significante, o significante da falta de significante, e outras baboseiras a propósito do Falo, ao passo que eu lhes digo, nesse *a* artigo, o significante, apesar de tudo coerente e mesmo indispensável.¹⁹

Se em 1975, no seu *Seminário 23*, Lacan se preocupa em voltar ao seu próprio comentário no *Seminário 20*, que havia sido lançado no ano anterior pela editora Seuil, é para frisar uma distinção que julga importante. Esta diz respeito ao que poderíamos chamar de o aspecto geral ou específico da falta, ou seja, a dimensão da falta na linguagem e aquela da falta que organiza a sexuação. Se por um lado ele escreve $S(A)$ para indicar que há um significante que falta no grande Outro, que não há uma garantia suficiente na linguagem, que esta padece dessa falta primordial, por outro lado é preciso distinguir essa dimensão genérica, no sentido de geral, da falta, e a sua dimensão específica no que concerne à castração. Para compreender esta última se faz necessário outro conceito, o conceito de *falo*.

Apesar de ser correto considerarmos que a castração está na linguagem e que a falta no Grande Outro é fundamental para compreendermos como o sujeito se define no que tange à estrutura clínica, isso não é suficiente para nos esclarecer como ele faz sua *escolha de gozo*, como se situa em um dos polos da repartição dos sexos. Se permanecermos nesse nível de generalização da dimensão da falta, enquanto falta no Grande Outro, poderemos esclarecer muitos pontos acerca da constituição do sujeito, mas não compreenderemos absolutamente nada acerca da sua identidade sexual. Para que ele possa se situar face ao pequeno outro enquanto ser sexuado é necessário a entrada em cena do significante fálico para que a dimensão da falta seja especificada no âmbito sexual, para estabelecer o “sentido sexual da falta”, como diz Jean-Luc Cacciali: “O falo vem dar um sentido sexual à falta.”²⁰

Nas fórmulas da sexuação, Lacan afirma que o sujeito se posiciona como *todo* ou *não-todo* face a uma função, a *função fálica* – e não face à falta no Grande Outro. Não existe na teoria de Lacan a noção de “todo ou não-todo em relação ao $S(A)$ ”, essa formulação não faz nenhum sentido na teoria lacaniana. É por isso que, falando sobre o $S(A)$, ele afirma: “Não é com isso que o homem faz amor”²¹, referindo-se, é claro, ao seu quadro das fórmulas da sexuação, no qual ele situa do lado masculino o Φ enquanto suporte do desejo, cujo vetor parte do sujeito em direção ao objeto *a*, no campo feminino,

¹⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* Op. cit., p. 79.

²⁰ CASSIALI, J.-L. Discussão. In: CHASSAING, J. L. et al. *Desejo de homem. Desejo de mulher?*, op. cit., p. 71.

²¹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 23: o Sinthoma...* Op. Cit., p. 123.

como veremos mais adiante. Confundir o falo com o $S(A)$, portanto, equivale a excluir, anular, deletar a teoria lacaniana da sexuação. E mais: utilizar os conceitos de Lacan para negar o que ele afirma.

*

Lacan inicia a sua abordagem das fórmulas pelo lado masculino. Deste lado, encontramos as seguintes fórmulas: $\forall x \Phi x$ e $\exists x \overline{\Phi x}$

Os símbolos presentes nelas são chamados quantificadores e são empregados na matemática e na lógica modal. O \forall invertido é chamado quantificador universal e se lê “para todo”; indica o que vale para todo elemento. O \exists ao contrário é chamado quantificador existencial e se lê “existe um”, “existe ao menos um” ou simplesmente “existe”. Indica algo que se aplica não a todos os elementos mas a pelo menos um destes.

Assim, temos, do lado masculino: $\forall x \Phi x$ “todo x fi de x ”, ou seja, a todo elemento desse conjunto se aplica a função Φx , todo elemento do conjunto masculino é concernido pela função fálica. Abaixo temos $\exists x \overline{\Phi x}$ “existe um x não fi de x ”, ou seja, existe ao menos um elemento desse conjunto para o qual essa função não se aplica; existe ao menos um que escapa à função fálica.

Tomemos primeiramente as coisas do lado de onde todo x é função de Φx , quer dizer, do lado onde se alinha o homem. A gente se alinha aí, em suma, por escolha – as mulheres estão livres de se colocarem ali, se isto lhes agrada. Todo mundo sabe que há mulheres fálicas, e que a função fálica não impede os homens de serem homossexuais. Mas é ela também que lhes serve para se situarem como homens, e abordar as mulheres.²²

A citação de Lacan dispensa comentários. Mas não resistimos a aproveitar a oportunidade para lembrar o besteiro politicamente correto mencionado acima, que pretende apontar uma suposta falha na teoria de Lacan por falar exclusivamente do casal heterossexual e não considerar a situação dos sujeitos que fazem uma escolha de objeto homossexual. As fórmulas da sexuação dizem respeito a *posições de gozo* e não a *escolhas de objeto*. Soler observa que as primeiras não determinam as segundas, ao contrário do que poderia se deduzir ingenuamente:

Assim, não há nenhuma contradição em que homens por anatomia e por escolha de gozo tanto sejam heterossexuais quanto homossexuais ou místicos em sua escolha de objeto; em que mulheres históricas,

²² LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* Op. cit., p.

totalmente ocupadas com o objeto do outro masculino, alinhem-se do lado do homem no todo fálico; e em que, do mesmo modo, do lado da mulher situem-se mulheres heterossexuais ou homossexuais, bem como outros místicos, homens ou mulheres, como santa Teresa, Hadewidjch de Antuérpia ou são João da Cruz, e ainda sujeitos psicóticos dos dois sexos.²³

Lacan prossegue:

À esquerda, a linha inferior, $\forall x. \Phi x$, indica que é pela função fálica que o homem como todo faz sua inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual a função Φx é negada, $\exists x \overline{\Phi x}$. É isso que chamamos função do pai – de onde procede, pela negação, a proposição $\overline{\Phi x}$, o que funda o exercício daquilo que supre a relação sexual pela castração, enquanto esta não é de modo algum inscritível. O todo repousa portanto aqui sobre a exceção colocada, como termo, sobre aquele que, esse Φx , o nega integralmente.²⁴

Marc Darmon comenta essa definição: “Portanto, se a castração é a lei universal: $\forall x. \Phi x$ (para todo x , x é castrado), existe ao menos um x que escapa a ela, é precisamente aquele que a aplica a todos, $\exists x \overline{\Phi x}$, é o lugar do Pai simbólico.”²⁵

O que significa esse “ao menos um”, o que significa essa exceção à função fálica no conjunto masculino? Como lembra Charles Melman²⁶, “O todo funda-se em uma exceção, esse famoso ao-menos-um, ou seja, o todo não se constitui senão ao preparar o lugar Outro.” O conjunto dos homens se define por estes serem todos-fálicos, ou seja, todos totalmente concernidos pela função fálica, “a função da castração”²⁷. Isso só é possível pela existência da *exceção fundadora*, do ao-menos-um que escapa a essa função.

A questão para nós, então, é saber o que faz com que uma classe se funde e se constitua. O que Lacan avança aqui é quanto ao que permite uma classe se constituir enquanto tal, isto é, a reunir elementos definidos que poderíamos distinguir pelo artigo definido “o” ou “a”, o que forma a classe é – eis o paradoxo introduzido por Lacan – a exceção.²⁸

Lacan dá como exemplo de tal exceção o Pai da Horda Primordial. Este seria um exemplo *mítico*, representação imaginária do ao-menos-um que escapa à castração.

²³ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres...* Op. cit., p. 140.

²⁴ Id., *ibid.*, p. 85.

²⁵ DARMON, M. *Sexuation...* Op. cit., p. 322.

²⁶ MELMAN, C. O desejo de minha irmã. In: CHASSAING, J. L. et al. *Desejo de homem. Desejo de mulher?* Op. Cit., p. 98.

²⁷ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres...* Op. cit., p. 226.

²⁸ MELMAN, C. A mulher não existe – Leitura das fórmulas da sexuação. In: *Che vuoi?*, ano 1, nº 0, Porto Alegre, Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986, p. 43-49. p. 44.

Nesse x que escapa à castração, que não é Φ de x , Lacan nos convida a reconhecer o pai da horda primordial, de que Freud fala em *Totem e tabu*, aquele que tinha todas as mulheres. Pois podemos pensar que não estar marcado pela castração pode imaginariamente ser representado como a faculdade de possuir todas as mulheres.²⁹

Porém, não é preciso nos limitarmos a esse exemplo mítico para pensarmos a exceção fundadora. O próprio Lacan, em *O Aturdido*, nos dá um exemplo de outra ordem, um exemplo *matemático*:

[...] há um caso excepcional, conhecido na matemática (o argumento $x=0$ na função exponencial x/x) – o caso em que existe um x para o qual Φx , a função, não é satisfeita, ou seja, por não funcionar, é excluída de fato.”³⁰

Podemos pensar ainda num exemplo *geométrico*, como o que Melman³¹ apresenta:

“[...] supondo que eu tome um conjunto constituído por traços verticais, é preciso que haja ao menos um que justamente escape a essa verticalidade. É preciso que haja ao menos um que seja uma exceção. Não havendo exceção, não saberíamos o que especifica os traços reunidos nesse conjunto.

Ou ainda no teorema de Gödel:

[...] o qual diz que, num sistema lógico constituído, existe ao menos uma proposição cuja verdade não pode ser demonstrada pelo sistema e ao menos uma proposição consistente com o sistema sobre cuja verdade o sistema não pode, apesar de tudo, dizer se ela é verdadeira ou falsa.³²

Ou até mesmo num exemplo *taxionômico*, como o que é dado por Roland Chemama³³.

Para constituir uma classe, o zoólogo precisa determinar a possibilidade da falta de um traço que a diferencie; é somente a partir disso que poderá propor uma classe na qual esse traço não poderia faltar.

O importante em todos esses exemplos – mítico, matemático, geométrico, lógico, taxionômico – é a ideia de que é a exceção que funda o conjunto fechado, que instaura o universal. Assim sendo, o conjunto denominado por Lacan como masculino, é aquele no qual a exceção de ao menos um elemento do conjunto à função fálica remete todos os elementos restantes a um traço, estabelecendo

²⁹ MELMAN, C. A mulher não existe..., Op. cit., p. 45.

³⁰ LACAN, J. O Aturdido. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497. p. 458.

³¹ MELMAN, C. A Mulher não existe..., Op. cit., p. 44.

³² Id., loc sit.

³³ CHEMAMA, R. Sexuação. In: CHEMAMA, R. e VANDERMERSCH, B. (orgs.). *Dicionário de Psicanálise*, op. cit., p. 342-343. p. 343.

com isso um universal. É possível falar de *os* homens ou de *O* homem, como se expressa Lacan em *Televisão*, porque esse universal foi constituído pela exceção. “Postulemos este axioma, não porque *O* homem não ex-sista, como é o caso d’A mulher [...]”³⁴

Dito isto, cabe comentar a observação, que escutamos vez por outra, de que não deveríamos empregar os termos “homem” e “mulher” por se tratar de termos da língua corrente, da fala cotidiana. Uma vez que Lacan deixa bastante claro que ele não está se referindo, nas suas posições de gozo, a homens e mulheres no sentido estritamente anatômico, deveríamos, segundo essa leitura, adotar outra terminologia que evitasse uma indesejável confusão com a anatomia.

Acho muito louvável essa preocupação de alguns colegas com o rigor terminológico. Porém, cabe lembrar que mesmo nas ciências ditas exatas, das quais a física é o exemplo paradigmático, não se tem notícia de nenhum teórico que tenha encaminhado um pedido à Sociedade Internacional de Física – ou como quer que se chame a instituição deles – propondo a substituição do termo “força”, sob a alegação de que este é um termo presente em todas as línguas mais faladas no planeta. Dessa forma, segundo esse físico, evitaríamos que o estudante da física newtoniana, ao se deparar com o conceito de *força gravitacional*, pensasse se tratar de um atributo do Hulk.

O mesmo se passa com o conceito de modelo na lógica, o qual difere totalmente da sua definição na linguagem corrente, como destaca Paulo Rona:

Apesar dos usos diferenciados que o termo pode assumir em seus diferentes empregos cotidianos, usos que não relembrei ao leitor na suposição de que nada há de misterioso aí, e sem nenhuma preocupação com a etimologia da palavra, *modelo* em lógica possui um sentido diverso daqueles convencionais com os quais estamos corriqueiramente acostumados: seu emprego remete, novamente, à tensão existente entre a sintaxe e a semântica. Sob outra perspectiva, o que ele apresenta é a dialética entre a ciência formal, de um lado, e a ciência empírica, de outro.³⁵

Se os físicos e os lógicos, que perseguem o máximo rigor nos conceitos, buscando depurá-los de todo imaginário, não se preocupam com essa suposta confusão entre o conceito e a palavra no sentido corriqueiro, é porque eles sabem que aquilo que caracteriza um conceito não é a sua aceção na língua corrente, mas a sua definição no âmbito da teoria e as relações que ele mantém com outros conceitos no corpo dessa teoria. Se um estudante de uma disciplina científica ou alguém que faz uma formação

³⁴ LACAN, J. *Televisão*. In: _____. *Outros Escritos*, op. cit. p. 508-543. p. 538.

³⁵ RONA, P. M. *O significante, o conjunto e o número – A topologia na psicanálise de Jacques Lacan*. São Paulo: Annablume, 2012. p. 70.

analítica confundir um conceito ou uma noção teórica com a acepção corriqueira dessa palavra, ele deveria simplesmente estudar mais ou procurar fazer outra coisa na vida.

Para o que diz respeito ao homem, do qual estamos falando, Soler vai dizer então:

Logo, quando se diz, como faz Lacan, que existe um universal do homem, podemos escrever: todos os homens, o homem está todo na função fálica, mas, o que convém notar é que não é por ser homem que ele está na função fálica, mas, ao contrário, é pelo fato de um x indeterminado situar-se todo na função fálica que podemos chamá-lo de homem.³⁶

A autora conclui então: “É homem o sujeito inteiramente submetido à função fálica. Por isso, a castração é seu destino, assim como o gozo fálico, ao qual ele tem acesso por intermédio da fantasia.”³⁷

Notem que ela não diz, como é de costume, que *para Lacan o homem é aquele que é todo fálico*. Não. O que a autora conclui a partir de Lacan é que se considerarmos um x indeterminado, dentre esses x que Marc Darmon nos diz que “Os x que aparecem nessas fórmulas são significantes (...)”³⁸ no sentido de “puras diferenças”, e reconhecermos esse x como *todo* no que diz respeito à função fálica, ou seja, totalmente concernido por esta função, somente a partir daí podemos chamar esse x indeterminado de *homem*. Portanto, para Lacan não há uma essência masculina prévia que determinaria a inscrição de um ser falante como *todo* na função fálica, mas é esta inscrição que logicamente permitirá a este situar-se na posição masculina. “Independentemente da sua anatomia”, deveríamos acrescentar para explicar ou, como se diz, para “desenhar” para os cérebros politicamente corretos.

Ao apresentar o lado feminino, Lacan comenta as fórmulas: $\overline{A}x\Phi x$ e $\overline{E}x\overline{\Phi}x$

Em frente, vocês têm a inscrição da parte mulher dos seres falantes. A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja provido ou não dos atributos da masculinidade – atributos que restam a determinar – inscrever-se nesta parte. Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo, no que tem a opção de se colocar na Φx ou bem de não estar nela.³⁹

³⁶ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*, op. cit., p. 225.

³⁷ Id., *ibid.*, p.138.

³⁸ DARMON, M. *Sexuation...* Op. cit., p. 320.

³⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* Op. cit., p. 86.

A novidade introduzida por Lacan é o seu quantificador “não-todo”, inexistente na lógica aristotélica. Não se trata de dizer *nenhuma mulher* em oposição a *todos os homens*. Ao dizer *não-toda*, Lacan mostra que a relação de uma mulher à função fálica não é da ordem do necessário, mas do contingente: “O que concerne ao valor sexual *mulher* articula-se na medida em que é na contingência que a mulher se apresenta, à maneira de argumento, na função fálica”⁴⁰.

Ser não-toda inscrita na função fálica significa ser não-toda no gozo fálico, pois ela tem também acesso a um gozo Outro, “suplementar”⁴¹. Ela terá uma relação com a função fálica que, embora lhe garanta um uso pleno de tal função (ao contrário da conceptualização freudiana), não constitui o *todo* da sua relação ao gozo. “Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está nela não de todo. Ela está à toda. Mas há algo a mais.”⁴² Acerca desse “a mais”, gozo fora do simbólico, Soler comenta os efeitos de errância ou mesmo de devastação que ele pode ter para uma mulher. Mas ele é também o que possibilita a ela ter uma relação ao gozo não limitada pelo significante, ao contrário do homem, preso ao Um fálico.

A fórmula $\overline{\exists x} \overline{\phi x}$ por sua vez, indica que mesmo sendo não-toda na função fálica, não existe nenhuma mulher que escape a ela – não há exceção fundadora, logo o conjunto das mulheres, embora constituído por elementos singulares e contáveis, não constitui uma classe.

Se não há traço comum que as especifique, a primeira consequência é que não há uma categoria fechada das mulheres: não se pode dizer *a mulher* nem *as mulheres*. Como o artigo não pode se aplicar, Lacan escreve $\overline{\exists} \text{mulher}$. Isso deixa $\overline{\exists} \text{mulher}$ sem classe à qual pertencer, sem traço distintivo que a garantiria quanto a sua identidade feminina.⁴³

Lacan vem aí inovar uma lógica que seria específica do campo psicanalítico e que nos leva a pensar o não-todo. Não sei se vocês percebem claramente o quanto isso representa um pensamento novo, pois, na medida em que somos todos falocêntricos, temos todos uma aspiração dirigida ao universal, ao todo, à totalidade. (...) É necessário que comecemos a pensar na existência desse *não-todo*. Isto, diz Lacan, tem consequências na vida privada, já que, se eu posso escrever a classe dos homens e falar de *todo homem*, não posso por esta classe em correspondência com a que seria a classe das mulheres e falar de *toda mulher*. Se uma tal operação fosse possível, compreenderíamos bem como

⁴⁰ LACAN, J. *O Seminário, Livro 19...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. p. 46.

⁴¹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 79.

⁴² Id., *ibid.*, p. 80.

⁴³ LAZNIK, M.-C. *O complexo de Jocasta – A feminilidade e a sexualidade sob o prisma da menopausa*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003, p. 99.

uma relação poderia se estabelecer entre um elemento da classe dos homens e um elemento da classe das mulheres e, então, poderíamos escrever a relação sexual.⁴⁴

Nesse ponto estamos diante da dimensão da alteridade do sexo. Esta não havia sido teorizada até então na psicanálise. Lembrando muito brevemente, para Freud os dois sexos se definiam em relação a um único elemento simbólico, o falo, a partir da conjugação do verbo *ter*: homem e mulher situando-se como fálico (que tem o falo) e castrado (que não o tem). Nessa teorização o campo feminino só existe enquanto negatividade em relação ao masculino. Lacan, ainda nos anos 50, acrescenta a essa dicotomia o verbo *ser*, tornando-a mais complexa: o homem, por definição, é aquele que não é o falo; tampouco o tem, uma vez que é simbolicamente castrado, mas pode tê-lo imaginariamente. Já a mulher não tem o falo, mas o é.

Porém, ainda que represente um avanço em relação à teoria freudiana, a teoria lacaniana da sexuação anterior às fórmulas não permite pensar a alteridade, pois se trata sempre da relação a um mesmo significante, o falo, ao qual os sujeitos necessariamente devem se reportar. Dessa forma, como nota Soler, não há identidades sexuais, apenas o semblante, o parecer.

Com as fórmulas, como vimos, ele define pela primeira vez uma dimensão Outra, que não é regida inteiramente pela norma fálica. “O Outro, na minha linguagem, só pode ser portanto o Outro sexo”.⁴⁵ Isso não quer dizer de forma alguma que ele abandone o conceito de falo, tampouco que o substitua pelo de gozo fálico. “Mas as fórmulas lógicas ditas da sexuação, produzidas em 1972, não objetam ao falocentrismo do inconsciente”⁴⁶. Porém, o falo não constitui o todo da relação das mulheres – ou de “qualquer ser falante que se alinha sob a bandeira das mulheres”⁴⁷, como diz Lacan – ao gozo.

[...] essa dimensão da alteridade é, portanto, a condição do desejo, do endereçamento desse desejo e de seu exercício. Poderíamos nesse aspecto ressaltar que mesmo no interior desses casais que buscam realizar a homogeneidade – casais homossexuais – essa dimensão da alteridade, entretanto, não deixa de se revelar em ação entre eles, ou seja, malgrado essa aspiração à semelhança, à similitude, haverá entre eles uma repartição, e que fará com que um ou uma se encontre, em relação ao outro, sustentando essa posição.⁴⁸

⁴⁴ MELMAN, C. A Mulher não existe..., Op. cit., p. 44.

⁴⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, Op. cit., p. 45.

⁴⁶ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*, Op. cit., p. 28.

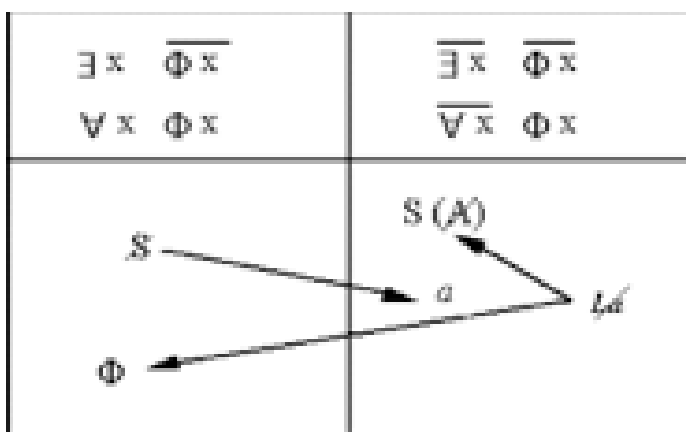
⁴⁷ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* Op. cit., p. 78.

⁴⁸ MELMAN, C. *Aimons-nous encore des femmes?* Data da conferência : 22/3/2007. Disponível em: <www.freud-lacan.com> Acesso em: 15 nov. 2013. Tradução minha para o trecho citado.

Esta é a formulação radical de Lacan, que escapa à compreensão daqueles que enxergam a teoria através das lentes ideológicas e interpretam a diferença sexual como apologia do patriarcado e da “heteronormatividade” – noção que reedita uma dicotomia simplista e simplória entre *individual* e *social*, que Lacan já havia desmontado desde os anos 50 ao definir o inconsciente como *transindividual*.

Observem, por exemplo, o erro de cálculo de Simone de Beauvoir ao intitular seu livro *O segundo sexo*: o fato de haver dois sexos não significa que, forçosamente, um seja primeiro em relação ao outro. O cardinal não implica, forçosamente, o ordinal. Basta, com efeito, que os dois elementos sejam diferentes, heterogêneos entre si, para não poderem ser alocados numa mesma série. Acontece que é precisamente o caso para um homem e uma mulher. Por isso, eles representam o paradigma da alteridade.⁴⁹

Passemos ao estudo do quadro abaixo das fórmulas.



A primeira impressão de quem inicia o estudo desse quadro é a sua total assimetria. Não há nenhuma correspondência entre os elementos de um lado e do outro; duas setas cruzam a divisão entre os campos dirigindo-se a letras do lado oposto, porém uma seta parte de uma letra do campo direito para outra letra desse mesmo campo. Lacan deixa claro aqui o seu rechaço a qualquer suposição de simetria entre as posições masculina e feminina, ponto que ele sustenta desde o início do seu ensino até os seus últimos seminários. Não somente as posições de gozo masculina e feminina são diferentes – essa diferença implica que os objetos do desejo e do gozo são também diferentes, que não há equivalência para o que é da ordem do desejo e do gozo para um e outra.

Não deixa de ser curioso constatar o quanto essa aspiração à simetria nas posições dos seres sexuais, tão criticada por Lacan, permanece ainda em nossos dias no discurso que preconiza uma

⁴⁹ MELMAN, C. *O homem sem gravidade*. Rio Janeiro: Companhia de Freud, 2003. p. 112.

“igualdade de gênero”. Essa proposição confunde a igualdade dos direitos civis com a anulação da alteridade no âmbito sexual.

Do que Lacan trata aqui, uma vez que ele já definiu as posições de gozo nas fórmulas que estão na parte superior do quadro? Para Soler: “O que ele escreve na parte inferior? É bastante simples, creio eu: ele tenta dar conta do que torna possível a relação [*relation*] sexual, ou seja, o corpo a corpo sexual, ainda que não exista a relação [*rapport*] sexual.”⁵⁰ Observem a distinção que a autora faz entre o termo *rapport* – que tem o duplo sentido de *relação* e *razão*, no sentido lógico-matemático – e *relation*, que em português quer dizer exatamente relação, no sentido do ato sexual. Portanto, para a autora, a parte superior do quadro, com as fórmulas, diz respeito às posições do gozo nas quais os sujeitos se inscrevem e que demonstram a inexistência da relação [*rapport*] sexual. Já a parte inferior descreve a relação [*relation*] sexual *stricto sensu*, o encontro sexual entre os seres da fala.

A respeito do lado masculino, Lacan comenta:

Do lado do homem, inscrevi aqui, não certamente para privilegiá-lo de modo algum, o $\$$ e o Φ que o suporta como significante, o que bem se encarna também no S_1 , que é, entre todos os significantes, esse significante do qual não há significado (...) Esse $\$$ só tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto *a* inscrito do outro lado da barra. Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo.⁵¹

Notemos de passagem a ironia de Lacan: “...não certamente para privilegiá-lo”. As letras nesse campo designam o sujeito barrado e o falo simbólico, do qual Darmon diz que “(...) o sujeito $\$$ dele se autoriza”⁵². O sujeito no campo masculino visa o Outro com seu desejo, mas o que ele alcança é o objeto *a*. Isso porque o gozo sexual lhe impõe essa restrição: “O gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal”⁵³. Acrescente-se que, ainda que ele tome a mulher como representando esse Outro enquanto Outro sexo, o Outro na verdade não existe. O objeto *a* é esse recorte imaginário que ele efetua para dar existência a esse Outro, uma vez que “(...) é no lugar em que esse Outro falta que ele se vê obrigado a inventar uma ponta dele”⁵⁴. É importante observar que o objeto *a* comparece aqui não na dimensão real, e sim na dimensão imaginária. Soler comenta essa dimensão imaginária do objeto *a* no quadro das fórmulas: “Há outros textos onde Lacan

⁵⁰ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore*. Paris: Hôpital Sainte-Anne, oct. 1999/ juin 2000 p. 111 (transcrição não relida pela autora). Tradução minha para o trecho citado.

⁵¹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* Op. cit., p. 86.

⁵² DARMON, M. *Sexuation...* Op. cit., p. 325.

⁵³ Id., *ibid.*, p.16.

⁵⁴ CHEMAMA, R. O continente branco – Identificação sexual masculina e posição perversa. In:_____. *Elementos lacanianos para uma psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: CMC, 2002. p. 203-212. p.284.

situa o *a* como real, notadamente no *Seminário A lógica da fantasia*. Isso não é de forma alguma uma contradição: aqui, ele fala de *a*, o objeto que vem fazer suplência no imaginário ao objeto *a* real, que é subtraído.”⁵⁵

Poderíamos dizer que o objeto *a* comparece aqui na sua dimensão real, enquanto faltante, *causa do desejo*, que suscita o desejo do sujeito em direção a um *mais-de-gozar*, objeto recortado no corpo da parceira no molde dos objetos das pulsões parciais, que vem tamponar imaginariamente a falta,

Do lado esquerdo, masculino, vimos que o sujeito – barrado, porque marcado pela castração, $\$$ - visa, do outro lado da barra vertical, no campo da parceira feminina, o objeto *a*, causa de seu desejo. Esse objeto, vimos, supõe um recorte no corpo da companheira: cabelos, voz, olhar, pernas, seios ou outra coisa qualquer.⁵⁶

No lado feminino, por sua vez, temos o \mathbb{A} de \mathbb{A} Mulher, de onde parte uma seta em direção ao falo Φ no campo masculino. Porém dela parte também outra seta em direção ao $S(\mathbb{A})$, indicando a sua duplicidade em relação ao gozo – gozo fálico, por um lado, mas também gozo Outro, além do falo. $S(\mathbb{A})$ designa aqui não o ponto em relação ao qual os seres falantes indiferenciados se reportam para definir as suas posições de gozo – como insinuam equivocadamente certas leituras criticadas acima – mas o ponto em relação ao qual uma mulher se entretém com o gozo Outro. “(...) no que concerne à mulher, dilacerada entre o significante do falo Φ e o da falta no grande Outro $S(\mathbb{A})$, o parceiro não é o objeto *a*”.⁵⁷

As consequências dessa dissimetria nos objetos do desejo e do gozo produzem efeitos colaterais:

Portanto, vocês podem ver o que permite a Lacan essa fórmula de que não há relação sexual, pois não é o corpo da mulher enquanto tal que interessa ao homem, mas esse objeto *a*, o objeto de sua fantasia, que ele lhe empresta. E para uma mulher, da mesma forma, é um objeto preciso do corpo do homem que lhe interessa, e é exatamente por isso que, na relação sexual, os dois parceiros têm o sentimento de que sua existência enquanto sujeito não é reconhecida, que não é isso que interessa ao outro.⁵⁸

Esses diferentes objetos aos quais os sujeitos se reportam teriam um papel na definição das suas identidades sexuais? No lado feminino, como vimos, Lacan situa o objeto *a*. Porém, apesar de estar situado no lado da mulher, trata-se do objeto da fantasia *do homem*, que ela não sabe o que é, nem

⁵⁵ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* Op. cit., p. 116.

⁵⁶ LAZNIK, M.-C. *O complexo de Jocasta...* Op. cit., p. 132.

⁵⁷ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres...* Op. cit., p. 54.

⁵⁸ MELMAN, C. *Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?* Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2005. p. 25

tampouco como ela pode contê-lo. Na verdade, tal objeto nada pode lhe revelar acerca do que seria sua suposta essência, mas tão somente a fantasia do seu parceiro, a qual ela permite que “[...] encontre nela sua hora de verdade”⁵⁹.

Quanto ao falo Φ , este garante para os homens o limite, a borda que delimita o seu conjunto como um conjunto fechado. Uma vez que os elementos desse conjunto constituem uma classe, eles se reportam todos a esse significante, o que lhes confere uma garantia. Vimos, então, que as identidades de gozo não se parecem com “identidades” no sentido a que estamos acostumados a empregar esse termo. Elas não são algo a que o sujeito possa se apegar imaginariamente, mas a escolha de gozo de cada um, “escolha” aqui no sentido em que se fala de *escolha do sintoma*.

*

Finalmente, um comentário sobre algumas leituras (olhem aí as leituras de novo) que têm surgido ultimamente. Tenho observado em alguns textos de psicanalistas a presença da noção de “gênero” para falar sobre a sexuação. A respeito disso, cabe perguntar: qual o sentido dessa noção; qual a sua possível contribuição para compreender o processo que define a identidade sexual; e, finalmente, qual a sua relação com a teoria psicanalítica, sobretudo com a teoria lacaniana; qual a concepção de sexuação que a sustenta e se essa concepção é compatível com a teoria psicanalítica ou parte de pressupostos que a contradizem. Penso que são estas as questões relevantes para um psicanalista em um questionamento preciso, desprovido da emotividade dos discursos políticos de condenação das normas sociais ou do louvor das escolhas de objeto não heterossexuais. Se não cabe a um analista legislar sobre a forma de gozo de cada um, fazer o papel de defensor da moral e dos “bons costumes”, tampouco lhe cabe substituir na sua fala os conceitos da teoria psicanalítica pelo jargão de movimentos ideológicos.

Lacan foi o primeiro psicanalista na França a comentar no seu *Seminário 18, De um discurso que não fosse semblante*, a obra pioneira de Robert Stoller, *Sex and Gender*, quando esta ainda não possuía uma tradução francesa. Nesse livro Stoller propõe a noção de “*gender identity*” (identidade de gênero).

Lacan não rejeita a noção, pelo contrário, afirma que ela define as identidades de que o *fallasser* necessita para estabelecer algum tipo de laço sexual com seu (ua) parceiro (a). Porém, para Lacan, essa construção permanece na dimensão do imaginário, ou seja, do que ele chamava então de

⁵⁹ LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 71 (tradução de Antonio Quinet – a tradução desse texto nos *Outros Escritos*, de autoria de Vera Ribeiro, apresenta um problema justamente nesse trecho).

semblant, no sentido da forma como os *falasseres* se apresentam enquanto seres sexuados para os pequenos outros.

Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem [...]. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é. Em síntese, vemo-nos imediatamente colocados na dimensão do semblante.⁶⁰

Apesar de ser um fator importante, esse não é para Lacan o fator determinante na sexuação. A atribuição de características masculinas e femininas não diz respeito ao simbólico da função fálica, mas ao imaginário do *semblant*, que Lacan denomina, na mulher, de *mascarada*, e no homem, de *desfile* ou *parada* [*parade*]. Os traços imaginários que constituem o *semblant* são fornecidos pela cultura e “[...] naturalmente, derivam essencialmente das modalidades, eu diria, próprias a uma cultura, de se dar na representação dessa identidade sexual.”⁶¹

Assim, quando uma teórica do gênero, como Judith Butler, afirma que: “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulatória altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”⁶², ela reduz o que seria da ordem da identidade ao caráter meramente performativo de atos, condutas, maneiras de agir, etc. Ou seja, do ponto de vista da teoria de Lacan isso diria respeito estritamente ao componente imaginário da sexuação.

Estou perfeitamente ciente do problema da comparação entre teorias distintas mas se faço essa comparação aqui é justamente porque trata-se de uma autora que faz referência à teoria de Lacan, apropriando-se de alguns dos seus conceitos para questioná-los e negar a teoria lacaniana. Dessa forma, ela conclui que:

A afirmação do Simbólico como inteligibilidade cultural em sua forma presente e hegemônica consolida efetivamente o poder dessas fantasias, bem como dos vários dramas dos fracassos da identificação. A alternativa não é sugerir que a identificação deva tornar-se uma realização viável. Mas o que parece realmente acontecer é uma romantização ou mesmo

⁶⁰ LACAN, J. *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 31.

⁶¹ MELMAN, C. *Uma calça para dois: o ideal da paridade no mundo industrial*. 14/5/2008 [tradutor: Sérgio Rezende] Disponível em: <www.tempofreudiano.com.br>. Acesso em: 12 maio 2013

⁶² BUTLER, J. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 69.

uma idealização religiosa do “fracasso”, uma humildade e limitação diante da Lei, o que torna a narrativa de Lacan ideologicamente suspeita.⁶³

E ela conclui, fazendo referência a Nietzsche: “A teoria lacaniana deve ser compreendida como uma ‘moral do escravo’.”⁶⁴

Ora, se, como vimos, não se trata para Lacan de supor uma essência masculina ou feminina anterior à relação do *falasser* à função fálica, mas é essa relação, *toda* ou *não-toda*, que irá defini-lo enquanto masculino ou feminino, isso significa que as identidades de gozo para Lacan nada têm a ver com as atribuições imaginárias culturalmente definidas acerca do masculino e do feminino.

Soler assim define essa teorização de Lacan:

Insisto em tornar sensível o esforço feito por Lacan para formular uma diferença que não decorre do juízo de atribuição, isto é, que não funciona de acordo com a forma – os homens são isto e as mulheres são aquilo –, forma esta em que se manifestam todas as ideologias sobre a questão, e que sempre supõe, por trás da atribuição, a referência a uma substância.⁶⁵

Assim sendo, se a diferença sexual, tal como é teorizada por Lacan, não decorre de nenhum juízo de atribuição, se as identidades de gozo não estabelecem que “os homens são isso e as mulheres são aquilo”, onde estaria então no quadro das fórmulas da sexuação que os homens são agressivos e as mulheres são delicadas, os meninos se vestem de azul e as meninas de cor de rosa? Onde localizaríamos, nesse quadro, o caráter performativo da sexualidade, o “conjunto de atos repetidos” que visa “produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”? Em outras palavras, onde está o gênero na teoria lacaniana da sexuação?

A resposta é evidente: em lugar nenhum. Lacan produziu uma teoria da sexuação que *nada tem a ver com o gênero*. Isso porque a sua teoria define as identidades de gozo a partir do simbólico e do real, mas não do imaginário. Esse simbólico que Butler considera como uma noção religiosa porque para ela as leis da linguagem são reduzidas a um conjunto de falas que transmitem normas culturais, o simbólico constituindo a soma de tais normas. E o real que ele nega também enquanto real do corpo e enquanto o impossível da relação sexual.

Para aqueles que tomam como referência o ensino de Lacan e ao mesmo tempo citam Butler como uma referência importante para entender a sexuação, estes poderiam nos esclarecer como uma teoria

⁶³ BUTLER, J. *Problemas de gênero...*, Op. cit. p. 105.

⁶⁴ Id., *ibid.*, p. 106.

⁶⁵ SOLER, C. *O que Lacan dizia...* Op. cit., p. 225.

que considera o Simbólico uma instância religiosa, que exclui o Outro enquanto instância terceira – uma vez que reduz a linguagem ao diálogo entre interlocutores, semelhantes, pequenos outros –, que exclui o Outro enquanto alteridade do sexo, uma vez que considera que os parceiros se situam em posições idênticas enquanto encenadores de gêneros performativos, poderia nos ajudar a compreender melhor a sexuação.

*

Para concluir, faço uma breve listagem dos principais pontos abordados porque sei que ninguém consegue prestar atenção durante a aula inteira. Afinal de contas, a gente responde à mensagem do zap, conversa com a pessoa ao lado, levanta para ir ao banheiro, lembra que tem que comprar alguma coisa a caminho de casa, olha pra moça que entrou na sala, etc. Por isso, vou listar o que vimos.

1º) A leitura das fórmulas da sexuação que trago é consenso entre autores lacanianos de diferentes escolas e não uma leitura singular, *sui generis*. Esses autores, ainda que possam trazer pontos diferentes, concordam acerca do essencial na interpretação dessa teorização de Lacan.

2º) Lacan parte de uma questão clínica, o mal-estar na relação do casal, para tentar responder teoricamente como os seres falantes se constituem enquanto seres sexuados, como se definem as identidades sexuais. Sua teoria possui dois momentos bem demarcados, o primeiro fundamentado na teoria freudiana e na sua teoria do significante; o segundo, baseado na lógica modal, cujas fórmulas são enunciadas em *O Aturdido*.

3º) As fórmulas da sexuação definem as posições masculina e feminina enquanto *posições de gozo*, dividindo os seres da fala em dois conjuntos a partir da sua relação *toda* ou *não-toda* com a função fálica, função da castração. Não se trata aqui de situar a posição do sujeito face ao $S(A)$; este não define as posições de gozo e constitui um grave equívoco confundi-lo com o falo Φ .

4º) Essa divisão não diz respeito à anatomia, tampouco se confunde com as escolhas de objeto. Assim, homens ou mulheres, por sua anatomia, hetero ou homossexuais, por suas escolhas de objeto, podem se situar de acordo com as mais diversas combinações, sem uma determinação fixa.

5º) A existência de uma exceção à função fálica define logicamente o conjunto masculino como um conjunto fechado, e seus elementos constituem uma classe. Essa exceção não diz respeito somente a um elemento meramente imaginário, mas é uma proposição que pode ser concebida matematicamente ou logicamente. A ausência de uma exceção do lado feminino faz desse conjunto um conjunto aberto e seus elementos não constituem uma classe. A relação entre elementos de um conjunto e de outro é impossível de ser escrita.

6º) Uma vez que um sujeito se situa do lado masculino, sua relação à função fálica será dita *toda*, sua relação ao gozo se restringirá ao gozo fálico, e estará separado do gozo Outro. Para aquela que se inscreve do lado feminino, sua relação à função fálica será dita não-toda, ou seja, ela experimentará o gozo fálico tanto quanto aquele que é dito todo fálico, mas isso não constituirá a totalidade da sua relação ao gozo, visto que ela experimentará também o gozo Outro, não fálico.

7º) As diferentes identidades de gozo/identidades sexuais constituem diferentes objetos do desejo e do gozo, estabelecendo uma assimetria estrutural no casal. Visto que o investimento desejante não visa uma pessoa, mas um objeto, essa assimetria é uma das formas pelas quais se apresenta a não-relação [*rapport*] sexual.

8º) A dimensão da alteridade feminina existe para o casal independentemente da sua anatomia. Ela diz respeito ao além do falo e, na teoria de Lacan, constitui sua resposta ao impasse freudiano, ao “continente negro” feminino.

9º) A noção de *gênero* é o equivalente na teoria lacaniana, ao que ele chama o semblante, as encenações das maneiras de ser que constituem a forma como cada um reconhece imaginariamente a sua pertença a um sexo. Ainda que seja um fator importante, esse componente imaginário não é determinante na sexuação, a qual diz respeito ao simbólico das leis da linguagem e ao real do gozo. Pensar a sexuação a partir da noção de gênero e considerar a identidade sexual como uma identidade de gênero meramente performativa implica desconsiderar as dimensões simbólica e real e constitui o avesso da teoria de Lacan.

10º) Deixei de abordar, por limitação de tempo, o papel da anatomia, a questão de como o corpo real – no sentido de um dado inegociável, que não concerne ao simbólico, tampouco ao imaginário – participa das diferentes identidades de gozo. A ideia de que o corpo “não tem nenhuma importância” para a identidade sexual não é uma ideia lacaniana e sim butleriana. Fica para o meu curso “Corpo, Pulsão e Gozo” neste semestre.

Agradeço à agroindústria brasileira do café por ter me fornecido o combustível para elaborar este trabalho nas noites do inverno baiano. Fiquem à vontade para discutir e criticar as ideias aqui expressas. Não sou adepto do princípio de que o debate deve se limitar à troca de elogios entre pares e que a crítica é algo a ser evitado. Acredito que o palestrante aprecia as críticas e deve estar preparado para sustentar suas ideias por meio de argumentos consistentes. Agradeço a atenção e a paciência de vocês. Muito obrigado.

